

CARTILHA CAMINHO SUAVE EM DIFERENTES EDIÇÕES: ANÁLISE DE ASPECTOS GRÁFICOS E EDITORIAIS

CARTILHA CAMINHO SUAVE IN DIFFERENT EDITIONS: EDITORIAL AND GRAPHICAL ANALYSIS

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

Universidade Federal de Minas Gerais
icrisfrade@gmail.com

Luiz Augusto do Nascimento

Universidade Federal de Minas Gerais
lzaugusto@gmail.com

Resumo

O artigo desenvolve uma análise comparativa de três edições da Cartilha *Caminho Suave*, sendo dois exemplares da década de 80 (1981 e 1984) e um de 2015. O autores têm como referência a história do livro, notadamente os trabalhos de Roger Chartier e Robert Darnton, estudos sobre a história da alfabetização, sobre a cultura visual (Armando Petrucci), tipografia e legibilidade (François Richaudeau). Serão descritos os formatos, a *mise en page*, elementos paratextuais, supressões e acréscimos entre as edições, buscando-se algumas articulações entre aspectos gráficos, editoriais e a pedagogia. Ao verificar permanências e principais mudanças no projeto editorial e outros fatores da edição, o trabalho também indica até que ponto as estratégias editoriais permitiram sua circulação até os dias atuais.

Palavras-chave: Edição. Design. História da alfabetização.

Abstract: The article develops a comparative analysis of three editions of “Cartilha Caminho Suave”, two of them from 1980s (1981 and 1984) and one from 2015. The authors rely on the history of the book, especially the works by Roger Chartier and Robert Darnton, studies of the history of literacy, about visual culture (Armando Petrucci), typography and legibility (François Richaudeau). There will be descriptions of formats, *mise en page*, paratextual elements, suppressions and additions to the editions, seeking some articulation between graphic aspects, editorials and pedagogy. By means of looking into permanence and main changes in the editorial project and other editing factors, this article also signals how far the editorial strategies have allowed the circulation of those books until now.

Keywords: Editing. Design. History of literacy.

Pontos de partida

Tendo sua primeira publicação em 1948 (Mortatti, 2000, p. 207), a *Cartilha Caminho Suave* fez história. Esteve dentro do circuito oficial de compras governamentais, ganhou adesão de muitos professores, foi retirada do circuito escola, pela via de compras públicas desde a primeira avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (1997) e continua sendo reimpressa em 2017. Como este livro se apresenta em vários momentos, tendo em vista os aspectos materiais do impresso e em seu conteúdo pedagógico? Como a editora constrói estratégias para sua permanência?

Muitas são as perguntas que guiarão nosso olhar sobre o impresso e elas advêm de quadros teóricos e metodológicos que vimos construindo nas pesquisas sobre livros para ensino inicial da leitura e da escrita. A pesquisa sobre livros escolares é um campo multifacetado e em construção e tomar o livro para ensino inicial da leitura ou da leitura e escrita significa trabalhar as condições de sua produção e de autoria, as metodologias de alfabetização e de ensino que empregam, a forma como escolarizam a cultura escrita, o modo como são ordenados como impressos, as maneiras como apresentam ou refletem a cultura escrita de um período e, finalmente, como são apropriados pelos leitores.

Em se tratando da história dos objetos, precisamos dialogar com a história do livro, em especial dos livros escolares, inspirando-nos nos estudos de Roger Chartier (1994, 2002), Robert Darnton (1992, 2010) e Jean Hébrard (2001). Os livros escolares e não escolares, assim como outros materiais utilizados para alfabetização portam saberes relacionados ao processo de alfabetização, mas também são objetos que configuram uma cultura gráfica, constroem dispositivos de pensamento e passam por circuitos de edição que dependem de influências materiais e comerciais. Nesta perspectiva, cabe uma indagação: como o livro *Caminho Suave* permanece num circuito pedagógico e editorial por tantas gerações (1950 a 2017), influenciando práticas pedagógicas? Como uma editora se organiza para manter um livro em circulação, mesmo quando o Estado passa a não subsidiar sua edição?

O campo de estudos da história da alfabetização, no Brasil, veio se constituindo a partir dos métodos, dos livros e das práticas escolares, na vertente de compreender o ensino e o pensamento pedagógico. No entanto, é preciso fazer perguntas epistemológicas sobre o que significa um livro como objeto, para verificar até que ponto podemos tratá-lo apenas olhando para sua metodologia e conteúdo. Um livro para iniciantes pode representar uma cultura pedagógica, mas também uma cultura gráfica ou editorial, o que nos leva a dialogar com campos de estudo como os da história da cultura escrita, da história do livro e da história da leitura.

Algumas definições dadas por Armando Petrucci (1999) permitem ir além do fenômeno pedagógico, quando este alega que, no campo da escrita e de sua história, há dimensões que são expressivas ou estéticas. Na dimensão estética, estaria a ideia de que um livro ou outro material escrito, em vários suportes e com várias técnicas de inscrição ou de impressão, faz parte de uma cultura gráfica de um período. Assim, se temos um livro que circulou por várias décadas formando uma cultura gráfica de pequenos leitores, temos um fenômeno pedagógico, cultural e estético.

Considerando que há aspectos relativos ao projeto gráfico do livro e a seus usos como suporte que ainda são pouco pesquisados, precisamos considerar a complexidade do conceito de materialidade. Há diferentes aspectos que envolvem o conceito de materialidade. Um primeiro, mais ligado às técnicas de produção, reprodução e distribuição, que nos faz dialogar com vários estudos de Roger Chartier, Robert Darnton e Donald Mackenzie. Um segundo aspecto refere-se ao próprio livro como objeto, considerando seu formato, aspectos materiais de sua apresentação, a tipografia e as imagens utilizadas, entre outros fatores.

Nessa perspectiva, aprofundando no estudo da *Cartilha Analytica*, de Arnaldo Barreto, Isabel Frade (2016) cotejou algumas das edições dessa cartilha, reforçando a necessidade de estudar com maior detalhamento as “formas” dos livros de alfabetização¹. A mesma autora desenvolveu outro estudo sobre cartilhas brasileiras, portuguesas e francesas focalizando aspectos de uso das páginas dos livros, problematizando o uso da tipografia e outros esquemas gráficos para o ensino da leitura e da escrita em diferentes métodos². Em estudo sobre livros produzidos por Antonio Firmino de Proença para a alfabetização, também foram analisados aspectos gráfico-editoriais que vão além de uma pedagogia voltada para métodos, explorando dimensões relacionadas a um tipo de razão gráfica que introduz iniciantes no universo do impresso³.

Seguindo esta tendência, e tomando o *design* como objeto de investigação, destacam-se a pesquisa de Chris de Azevedo Ramil (2013), que analisou aspectos

¹ FRADE, Isabel Cristina Alves. *Cartilha Analytica* publicada pela Francisco Alves: aspectos da materialidade entre ordenamentos pedagógicos e editoriais. BRAGANÇA, Anibal (Org.). *Rei do Livro. Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Lihed./UFF, 2016, p. 207-224. Publicado em Anais do I Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa/ Universidade Federal Fluminense, 2004.

² FRADE, I. C. A. Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. ABREU, M.; BRAGANÇA, A. *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 171-190.

³ FRADE, I. C. A. da S.. *Cartilha Proença e Leitura do Principiante de Antonio Firmino de Proença: configurações gráficas e pedagogia*. RAZZINI, Márcia (Org.). *Antonio Firmino de Proença: professor, formador, autor*. São Paulo: Porto das Ideias, 2010.

gráficos da produção e o *design* da coleção Tapete Verde, e o estudo de Luiz Augusto do Nascimento (2017), que investigou os livros de alfabetização e livros da leitura da Editora Francisco Alves, publicados até 1938, considerando a questão da tipografia, legibilidade, *mise-en-page* e ilustrações, mostrando como podemos explorar aspectos diversos que explicam o destaque ou sucesso de determinada obra em relação a outras de seu tempo.

O estudo comparativo de edições de um mesmo livro também permite ver como os aspectos materiais repercutem no objeto livro, formando representações sobre um objeto, para diferentes leitores. Essa é proposta desse artigo, que pretende desenvolver uma análise comparativa de algumas edições da Cartilha *Caminho Suave*, selecionando dois exemplares da década de 1980 e um exemplar da edição de 2015, reimpresso em 2017. A diferenciação entre texto (produto de um autor) e impresso (resultado de várias intervenções editoriais), apresentada por Roger Chartier (1990), permite fazer algumas perguntas e uma delas é fundamental para compreender a autoria. Como se inscreve a autoria do texto e do impresso, no caso da Cartilha *Caminho Suave*? Até que ponto a autoria pedagógica repercute no impresso? O estudo de diferentes edições permite ver a estabilidade de um método, as negociações com outros formatos que lhe são contemporâneos, os suportes dados pelo Estado, as atualizações ou permanências que nos levam para a pedagogia, para o leitor e para a edição.

Há diferentes estudos que atestam a grande circulação da Cartilha *Caminho Suave*, evidenciando aspectos pedagógicos (MORTATTI, 2000) e questionamentos sobre sua retirada do mercado escolar para compras governamentais (PERES, VHAL e THIES, 2016). Neste último estudo, as autoras apresentam vários depoimentos que mostram espanto de editores, leitores e autora, tentando compreender o significado de uma mudança paradigmática que fez “desaparecer” esse livro das escolas. Esta grande circulação indica que gerações de leitores foram formados em contato com a cultura gráfica de cada edição.

Compreendendo a importância desse livro, serão explorados alguns aspectos da cultura visual (Armando Petrucci), sobretudo das capas; a tipografia (Richaudeau), questões editoriais (Roger Chartier, Robert Darnton) e da bibliografia material (Donald Mackenzie). Serão trabalhadas as supressões e acréscimos e mudanças em suas edições, alguns aspectos da *mise en page* e elementos paratextuais de cada edição, buscando-se algumas articulações entre aspectos gráficos, editoriais e pedagógicos. Ao verificar permanências e principais mudanças no projeto editorial e outros fatores da edição, o trabalho indicará até que ponto as estratégias editoriais permitiram sua circulação até os dias atuais.

O método, a circulação e as políticas governamentais

Estudo de Maria do Rosário Mortatti (2000, p. 207) indica que tendo sido produzida, aproximadamente, em 1948, a cartilha emprega o método analítico sintético⁴ e, nas palavras de Branca Alves da Lima,

consiste este processo, em relacionar a sílaba inicial de cada vocábulo com um “desenho chave”. Quando a criança vê a escrita de determinada sílaba ou letra, imediatamente associa os sinais gráficos que a representam à imagem do desenho a que está ligado, acordando na ideia o som correspondente. Cada desenho excita energicamente o interesse, é poderoso auxiliar da intuição e da de análise, e oferece apoio à memória. Assim, dentro de cada lição, o aluno pode praticar a palavrção, a silabação e a soletração, pois a sílaba, a letra e mesmo algumas palavras menos conhecidas deixam de ser abstração para o espírito infantil (LIMA, citada por MORTATTI, 2000, p. 208).

No mesmo excerto, Branca Alves de Lima evoca autores como Aguayo e sua própria experiência como professora, para defender a apresentação de quadros mnemônicos e quadros para cópia como estratégias que, embora repetitivas, formariam hábitos e atitudes mentais necessários ao aprendizado.

Matéria de rádio da WEB comenta algumas matérias de jornal e estudos que descrevem seu método e sua circulação no Brasil. A primeira informação traz elementos para pensar sua edição e o poder de circulação, que perde espaço para a tendência construtivista da década de 1990:

Caminho Suave é uma obra didática, uma cartilha de alfabetização, concebida pela educadora brasileira Branca Alves de Lima (1911-2001), que se tornou um fenômeno editorial. De acordo com o Centro de Referência em Educação Mário Covas, calcula-se que, desde 1948, quando teve sua primeira edição, até meados da década de 1990, foram vendidos 40 milhões de exemplares dessa cartilha. Em 1995, *Caminho Suave* foi retirada do catálogo do Ministério da Educação (portanto, não é mais avaliada), em favor da alfabetização baseada no construtivismo. Apesar de não ser mais o método “oficial” de alfabetização dos brasileiros, a cartilha de Branca Alves de Lima ainda vende cerca de 10 mil exemplares por ano. (Disponível em: <http://www.radiolucweb.com.br/2016/08/caminho-suave-para-matar-saudade.html>. Acesso em: 21 set. 2017.)

Ainda sobre o método, a mesma matéria cita fala da autora que descreve as condições de produção de sua cartilha, assim como sua especificidade:

⁴ Não vamos discutir, neste artigo, as perspectivas metodológicas ou o método de “Alfabetização pela imagem”, mas nos deteremos nas imagens e aspectos gráficos para ver as configurações de página, suas permanências e atualizações.

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, em 1997, Branca Alves de Lima relatou que, quando começou a lecionar, em cidadezinhas no interior paulista, a prática pedagógica para alfabetização se chamava “método analítico”. Com o fim do Estado Novo, em 1945, as autoridades do MEC chegaram à conclusão que o “método analítico” não funcionava e estava superado, e deram liberdade didática aos professores. Foi observando a dificuldade de seus alunos, a maioria oriundos da zona rural, que Branca Alves de Lima criou o método que ela própria denominou “alfabetização pela imagem”. A letra “a” está inserida no corpo de uma abelha, a letra “b”, na barriga de um bebê, o “f” fica instalado no corpo de uma faca, a letra “o” dentro de um ovo, e assim por diante. Especialistas em pedagogia afirmam que “Caminho Suave” e “Sodré” (de Benedita Stahl Sodré, autora da Cartilha Sodré) são os únicos métodos realmente brasileiros de alfabetização em português. O método da cartilha *Caminho Suave* começa pelas vogais, forma encontros vocálicos e depois parte para a silabação. O sucesso editorial seria devido ao fato de unir o processo analítico ao sintético, facilitando o aprendizado, explica Maria Sirlene Pereira Schlickmann no ensaio “As cartilhas no Processo de Alfabetização”, in *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 2, número 1, jul./dez. 2001 (Unisul). (Disponível em: <http://www.radiolucweb.com.br/2016/08/caminho-suave-para-matar-saudade.html>. Acesso em: 21 set. 2017.)

O corpus de análise e seus paratextos

Segundo Mortatti (2000), o exemplar de 1954 constituído de 63 páginas mostra sua aprovação pela Comissão Nacional do Livro Didático, apresentando a tiragem de 100.000 volumes, com grande penetração no mercado escolar. A mesma autora indica que houve uma modificação da cartilha em 1970. Nosso estudo tomará como foco sua versão de 1981 e as modificações feitas em 1984 e 2015. O objeto desta análise serão três edições da Cartilha *Caminho Suave*, conforme quadro abaixo:

	Ano/edição	Editora	N.Páginas	Formato	Ilustrador	Diagramador
Cartilha Caminho Suave – Alfabetização pela imagem	1981/84 ^a	Caminho Suave Ltda	96	23 por 16,5	Flávio Pretti (Flávis)	Não consta
Caminho Suave – Renovada e ampliada – Alfabetização pela imagem	1984/94 ^a	Caminho Suave Ltda	12 ^a numeradas mais 5 sem numeração	20,5 por 27	Eduardo Carlos Pereira (Edu)	Branca Alves de Lima
Caminho Suave – Alfabetização pela imagem – Renovada, ampliada e atualizada com o Novo Acordo Ortográfico	2015/132 ^a Reimpressa em 2017	Caminho Suave Edições	127 numeradas	20 por 27,5	Eduardo Carlos Pereira (Edu)	Branca Alves da Lima

O mais antigo exemplar de que dispomos é do ano de 1981, portanto, uma cartilha que alcançou mais de 30 anos de circulação naquele período, conforme dados de sua primeira edição (MORTATTI, 2000). Ela é dedicada “à memória de minha carinhosa mãezinha Maria Isaura e de minha querida irmã Clara”.

O paratexto e pequenas expressões são elucidativos do papel que ocupa a autora na concepção e condução do material, uma vez que não aparece apenas a palavra ilustrador, mas “ilustrações executadas por Flávio Pretti”. A expressão “direitos autorais reservados das técnicas associativas dos desenhos e dos textos” que permanece em todos os exemplares de que dispomos, mostra a dimensão autoral da pedagogia no ordenamento do livro, uma vez que a imagem vem a serviço da alfabetização e é fundante na proposta denominada “alfabetização pela imagem”.

Na quarta capa aparece o preço do exemplar, Cr\$98,00, com a informação: “Este preço só se tornou possível devido à participação da FENAME que, em regime de co-edição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo editorial”. Esta informação mostra e evoca os efeitos da materialidade e da política na construção de uma obra⁵. E, atentando-nos para aspectos materiais do livro, o exemplar tem uma excelente gramatura e sua qualidade permite uma ótima conservação. A quarta capa, reproduzida abaixo, mostra com quais livros a cartilha compartilha no mesmo espaço editorial sendo, possivelmente, o carro-chefe de toda a coleção e a única em que as ilustrações estão compostas em 2, 3 e 4 cores.

⁵ A relação da obra com programas governamentais é tratada em Peres, Vhal e Thies (2016).

Caminho Suave. 1981. 4ª capa

Série didática "Caminho Suave"

CARTILHA «CAMINHO SUAVE»
 Baseada no processo audiovisual de "Alfabetização pela Imagem". Ilustrações a 2, 3 e 4 cores. Exercícios acompanhando cada lição.
MANUAL DO PROFESSOR — Com orientação para o emprego da cartilha, lição a lição, oferecido gratuitamente.

- 1.º **LIVRO «CAMINHO SUAVE»**
 Em continuação à cartilha "Caminho Suave" com revisão das dificuldades de natureza audiovisuais. Atividades planejadas acompanham cada lição.
- 2.º **LIVRO «CAMINHO SUAVE»**
 Apresenta textos curtos, com vocabulário controlado. Exercícios estruturais e treinos ortográficos acompanham cada lição.
- 3.º **LIVRO «CAMINHO SUAVE»**
 Fornece material variado de leitura, exercícios estruturais, treino ortográfico e atividades para fixação e auto-avaliação.
- 4.º **LIVRO «CAMINHO SUAVE»**
 Oferece a mesma linha do 3.º; conteúdo variado dos textos, melhor estrutura das orações, mantendo e sistematizando o vocabulário. Tanto a linguagem falada, como a escrita apresentam padrões mais evoluídos de expressão verbal.

MANUAIS DO PROFESSOR
 Acompanham os livros da 1.ª à 4.ª séries. Trazem sugestões para o planejamento de cada lição, técnicas específicas para o ensino da ortografia e integração com outras áreas do Currículo. São oferecidos gratuitamente ao professor.

Material audiovisual "Caminho Suave"

CARTAZES DE «ALFABETIZAÇÃO PELA IMAGEM»
 Reproduzem as ilustrações da cartilha. Tamanho 24 x 33 cm, ricamente coloridos, em número de 65 cartazes.

TESTES DE «ALFABETIZAÇÃO PELA IMAGEM»
 57 cartas que reproduzem em miniatura os cartazes coloridos, tendo no verso as sílabas isoladas. Prestam-se à verificação e à fixação do aprendizado.

CARIMBOS DIDÁTICOS «CAMINHO SUAVE»
 1.ª) "ALFABETIZAÇÃO" — Coleção de 63 carimbos. Reproduzem as ilustrações da cartilha.
 2.ª) "A FAMÍLIA" — Coleção de 15 carimbos. Reproduzem as personagens do 1.º Livro.

EDITORA "CAMINHO SUAVE" LIMITADA
 Cód. Postal 01508 — Rua Fagundes, 157
 Tels: 278-5840 e 278-3537
 São Paulo — S.P. — Brasil

Preço por exemplar: Cr\$ 98,00

"Este preço só se tornou possível devido à participação da FENAME, que, em regime de co-edição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial."

O segundo exemplar, de 1984, tem alterações muito significativas, que serão tratadas na análise dos acréscimos e supressões, mas chama atenção o aumento de páginas, a baixa qualidade do papel e seu formato, que precisa ser comparado com outras cartilhas do período para se pensar nos novos ordenamentos de livros didáticos para crianças e nas regulações por programas governamentais. Este formato também acompanha a cultura de cadernos escolares que passam de um formato pequeno para um maior, no período. Para efeito de confrontação, localizamos pelo menos três exemplares de cartilhas que foram editadas no mesmo período, década de 80 do século XX, que apresentam o mesmo formato, embora a qualidade do papel de *Caminho Suave* seja a pior⁶. A quarta capa dessa edição de 1984 não traz a coleção, como na anterior, mas apenas informações sobre a vinculação da cartilha com os programas do livro:

⁶ São elas, *Eu gosto de aprender*, de Maria da Glória Mariano Santos, editora do Brasil S/A, sem data; *Festa das letras*, de Dirce Guedes de Azevedo, editora FTD, São Paulo, 1985 e *Alegria de Saber- Cartilha*, de Lucina Maria Marinho Passos, Editora Scipione, 1987.

este livro foi adquirido pela Fundação de Assistência ao Estudante – FAE, do Ministério da Educação e Cultura, para o programa do Livro Didático / Ensino Fundamental – PLIDEF, em convênio com as Secretarias de Educação das Unidades Federadas – Distribuição gratuita.

O terceiro exemplar de 2015, reimpresso em 2017, está na 132ª edição. É um exemplar que não se relaciona a políticas governamentais e nem pode ou precisa se reportar a elas. Supostamente produzida para ser comercializada fora do circuito e da política governamental, ela mantém sua proposta pedagógica quase intacta. Tendo sido reprovada na década de 1990, como consequência da nova política de avaliação do MEC, a obra parece dialogar com outros públicos e possibilidades de circulação. O papel tem ótima gramatura e o formato continua a ser o que foi adotado no exemplar de 1984. São muitas as informações editoriais da ficha técnica, sobretudo nos créditos que dialogam com a edição dita original e a mais recente:

Créditos da edição original

Ilustrações da capa e dos textos

Eduardo Carlos Pereira

Diagramação

Branca Alves de Lima

Artes Caligráficas

Dora Gregori

Créditos desta edição

Atualização ortográfica

Equipe Edipro

Revisão

Francismeire Leme Coelho

Arte (atualização digital)

Karine Moreto Massoca

Renata Oliveira

Verifica-se que a estabilidade da obra é resguardada quando o que se altera é a revisão ortográfica, considerando que a revisão é parte do processo editorial. O próprio termo atualização digital, junto à comparação dos exemplares, precisa ser problematizado: seria a concepção e formato ou técnica de reprodução?

A quarta capa traz informações relevantes para avaliação do circuito, do conjunto de expectativas e do tipo de leitores e consumidores a serem atingidos. A publicidade que se faz em torno do livro, assim como as ofertas em sites de livrarias para compras seguem a mesma linha:

Cartilha Caminho Suave

Em sua surpreendente 132ª edição, esta cartilha continua a apresentar o consagrado método de alfabetização brilhantemente desenvolvido por sua autora, Branca Alves de Lima, *amplamente adorado por professores das redes pública e privada.*

Este grande sucesso conduz a alfabetização de maneira simples e inteligente. É ideal para *facilitar o caminho de crianças, jovens e adultos no mundo das letras – tanto como método principal, quanto como manual de apoio a outros métodos.*

Ricamente ilustrado, este material garante o êxito da alfabetização pela imagem, método *já testado e aprovado por milhões de brasileiros.*

(Quarta Capa. 2017. Grifos nossos)

Conforme se pode verificar nos grifos, esta quarta capa é emblemática da mudança de circuito, de destinatários e de posição metodológica. A adoção não é mais pelo governo, mas pelos sujeitos professores; o circuito não é apenas o da escola pública, mas também o da escola privada; o usuário não é apenas a criança, mas os jovens e adultos; e o método não é o que se defende em primeira instância, pois pode servir de apoio a outros métodos.

Principais mudanças e supressões realizadas entre as edições de número 84 (1981) e 94 (1984)

Para a análise que se fará nas seções seguintes foram comparados sistematicamente os três exemplares de edições diferentes, página por página, sendo analisados elementos como capa, conteúdo, imagens e configuração de páginas que serão descritas a seguir. Por encontrarmos mudanças mais significativas entre as edições de 1981 e 1984, apresentaremos primeiro esta comparação.

Análise comparativa dos projetos gráficos de duas capas

Nesta seção serão comparadas as capas de 1981 e de 1984, tendo em vista que a edição de 2015 segue o mesmo padrão da edição de 1984.

Capa *Caminho Suave*. 1981



Capa *Caminho Suave*. 1984



As capas das edições de 1981 (à esquerda) e 1984 (à direita) apresentam, aparentemente, o mesmo conceito. Elas destacam o caminho que leva à escola, reproduzindo visualmente o título da cartilha. Em ambas, encontram-se, em primeiro plano, um menino e uma menina, uniformizados e sorridentes, seguindo, com suas bolsas/pastas, por um caminho de terra em direção à escola.

Contudo, ao comparar o projeto gráfico das edições, podemos observar importantes mudanças em termos compositivos e conceituais. Apresentamos, a seguir, uma análise do projeto gráfico das capas das edições citadas, descrevendo os seguintes elementos: tipografia, ilustração e composição do texto escrito e da imagem.

Na edição de 1981, encontramos quatro tipos de letra na composição da capa: uma sem serifa (não identificada) para o nome da autora, uma fantasia (não identificada) para o título da cartilha, uma sem serifa (Helvetica) para “alfabetização pela imagem” e outra sem serifa (Kabel) para as informações sobre a edição.

Já na edição de 1984, encontramos três tipos de letra na composição da capa: uma serifada (Windsor ExtraBold Condensed) para o nome da autora, uma fantasia (não identificada) para o título da cartilha e outra sem serifa (Helvetica) para as informações sobre a edição.

Como podemos observar, ambas as edições possuem em sua capa uma variação de tipos de letra, comum nas capas dos livros da década de 1980.

A tipografia fantasia utilizada para o nome da cartilha parece ter sido desenhada à mão nas duas edições, pois se percebem ligeiras diferenças entre os caracteres que se repetem, como, por exemplo, a letra a. Em ambas as edições, o título, em vermelho, aparece destacado por um contorno branco, sendo que este, na edição de 1984, é bastante reduzido. Podemos compreender a existência desse contorno pela necessidade, na edição de 1981, de se destacar o título das ilustrações do fundo. Certamente ele não é tão necessário na edição de 1984, pelo fato de o título, em vermelho, estar disposto no fundo azul celeste, que confere à composição um bom contraste.

O nome da autora, em branco, possui pouco destaque na edição de 1981, apesar de estar inserido em um retângulo azul, pois se confunde com a copa da árvore da ilustração. Já na edição de 1984, o nome da autora, também em branco, se destaca ao aparecer isolado no fundo azul do céu da paisagem.

Destaca-se ainda, na edição de 1984, o uso de um recurso de destaque visual para o método do livro: o texto “alfabetização pela imagem” aparece dentro de um espaço oval branco com letras pretas no canto inferior direito da capa. Teoricamente, nosso olhar ocidental faz uma varredura diagonal da esquerda para a direita e de cima para baixo. Dessa forma, a informação sobre o método é a última a ser lida, como ocorre com as assinaturas. Outro destaque tipográfico é o texto “renovada e ampliada”, logo abaixo do título da cartilha. Esse texto funciona como um recurso de marketing para atrair o consumidor, informando que o livro foi atualizado e modernizado, mantendo-se competitivo no mercado.

Além do casal de crianças indo para a escola, há um destaque, na capa da edição de 1981, para as árvores, flores e nuvens que compõem o cenário. As diversas cores desses elementos contribuem para esse destaque. Não apenas as flores são coloridas: as árvores apresentam copas verdes, amarelas e rosas e as nuvens são brancas, azuis, amarelas e pretas. As formas arredondadas e menos realistas desses elementos, assim como suas cores, sugerem uma paisagem onírica. A casa no final do caminho, representando a escola, assemelha-se com as ilustradas nas histórias infantis. O casal de crianças olha de lado para o leitor, apresentando um leve sorriso nos lábios. As cores sóbrias de seu uniforme e o fato de caminharem de forma comportada, de mãos dadas, os tornam elementos destoantes do cenário ilustrado, o que não significa que seja algo negativo. As crianças da capa, assim como os leitores, devem percorrer o “caminho suave” da alfabetização, entrando em um mundo de histórias e cores.

A capa da edição de 1984 apresenta elementos diferentes. As coloridas flores, árvores e nuvens são descartadas e, ao longo do caminho em direção à escola, um cachorro e outras crianças passam a compor o cenário. Além do casal de crianças, destaca-se, em segundo plano, um menino negro olhando

para o leitor, parecendo o convidar para seguir o caminho. O casal aparece mais sorridente e menos comportado do que o da edição de 1981, correndo em direção à escola e convidando o leitor. O menino faz um sinal positivo com o polegar da mão esquerda, enquanto a menina estende a palma da mão apontando para a escola, que passa a ser caracterizada com a palavra “escola” na fachada, o que não havia na edição anterior. Apesar de menos colorida e fantasiosa do que a edição de 1981, com suas árvores, flores e nuvens coloridas, a ilustração da capa da edição de 1984 continua aproximando-se dos livros de histórias para crianças, procurando, assim, conquistar seu público-alvo: crianças em fase de alfabetização.

Enquanto, na edição de 1981, o título é disposto de forma linear, na de 1984, ele aparece ondulado, reproduzindo a sinuosidade do caminho representado na ilustração. Dessa forma, o “caminho” da alfabetização, metáfora sugerida no título, não deve ser compreendido como uma linha reta. Suas curvas suaves, mais predominantes na ilustração da edição de 1984, fazem parte dessa “caminhada”, podendo indicar a flexibilidade que deve estar presente nesse percurso.

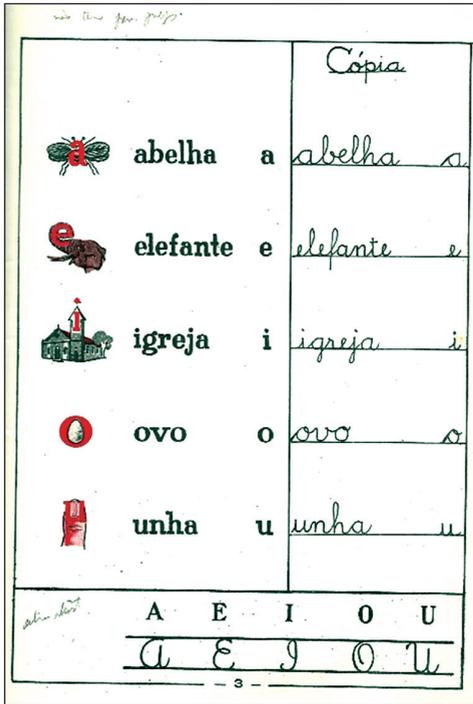
Na edição de 1984, a retirada dos elementos coloridos ao redor do caminho tornou o projeto gráfico da capa mais *clean*, sem excessos, o que possibilitou um destaque maior para os textos escritos – título, nome da autora e demais informações – e uma hierarquia da informação mais bem definida.

Mudanças nas páginas internas

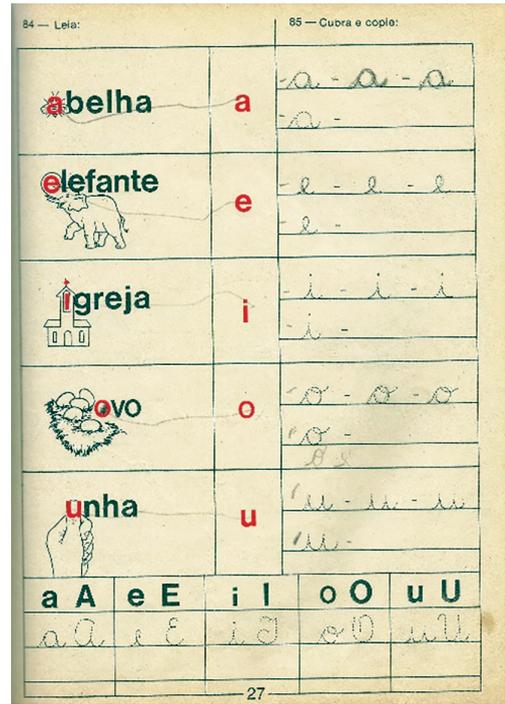
Mudanças gráficas nos projetos, como tipografia e ilustrações, trouxeram maior leveza ao projeto gráfico e ressalta-se que poucas foram as alterações na diagramação, com pequenos deslocamentos na distribuição de colunas de palavras, como pode ser visto na redistribuição de palavras de quatro para três colunas na lição do xadrez, página 62, no exemplar de 1984. Verifica-se um aumento de linhas para copiar, sendo esta a maior ocorrência identificada na diagramação.

Encontramos muitas alterações que se relacionam ao fato de se copiar no próprio exemplar do aluno, talvez uma opção reduzida nas edições em pequeno formato, que possivelmente também deveriam passar de mão em mão. Um exemplo se encontra na página 3, da edição 81. Essa página supostamente é mais para ser vista ou lida, do que para ser escrita, tendo em vista que apresenta um modelo de vogais, palavras correspondentes, com modelo de letra a ser copiada, sem espaçamento para grafá-las, ao passo que a lição correspondente da edição de 1984 altera a diagramação com mais colunas e linhas e, ao fazer isso, destaca mais as vogais na coluna do meio. A integração das vogais às próprias palavras, ao mesmo tempo em que elas se destacam mais por fazerem contraste com o preto e fundo mais vazado, altera o modo de ver e ler.

Caminho Suave. 1981. Página 3



Caminho Suave. 1984. Página 27



O espaço para copiar é alterado, com maior ocorrência de linhas e o enunciado diz “cubra e copie” sobre traços pontilhados. Esses elementos gráficos da diagramação indicam determinada forma de uso: o livro passa a ter mais espaço para receber os escritos do usuário. Aparecem outros exemplos dessa mudança em outras páginas, conforme comparação entre páginas: “Copie. Desenhe no seu caderno uma laranja e pinte” (1981, p. 17) para “Copie e pinte as laranjas de amarelo na lição laranja” (edição de 1984, p. 47).

Na página seguinte, tecemos alguns comentários sobre páginas internas da mesma lição “Passarinho”, nas duas edições.

Caminho Suave, 1981, p. 46-47



passarinho

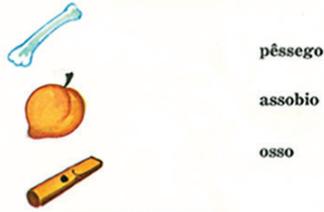
Veja o passarinho.
É um tico-tico.
Ele bicou o pêssego.
O pêssego ficou furado.

assa assado massa amassa	pássaro passa passado disse
tosse passe passeio passeia	isso osso pessoa assobio

— 46 —

Caminho Suave, 1984, p. 76-77

Ligue o nome ao desenho:



pêssego
assobio
osso

Copie colocando ss:

ma...a _____ o...o _____
mi...a _____ di...e _____
pa...a _____ to...e _____
pa...eio _____ pe...oa _____

Separe os pedacinhos:

assa	as	sa
tosse		
osso		
pessoa		

— 47 —

passarinho



Veja o passarinho.
Ele bicou o pêssego.
O pêssego ficou furado.

assa assado massa amassa tosse	pássaro passa passado passeio pessoa	isso osso ossudo assina assobio
--	--	---

Complete:

O passarinho bicou o
O ficou furado.

— 76 —

Ordene as orações:

o bicou pássaro O pêssego.

furado ficou pêssego O.

Copie colocando ss:

ma.....a _____ o.....o _____
mi.....a _____ di.....e _____
pa.....a _____ to.....e _____
pa.....eio _____ pe.....oa _____

Separe as sílabas, veja o modelo:

assa	as	sa
tosse		
pêssego		
osso		
assobio		
ossudo		

— 77 —

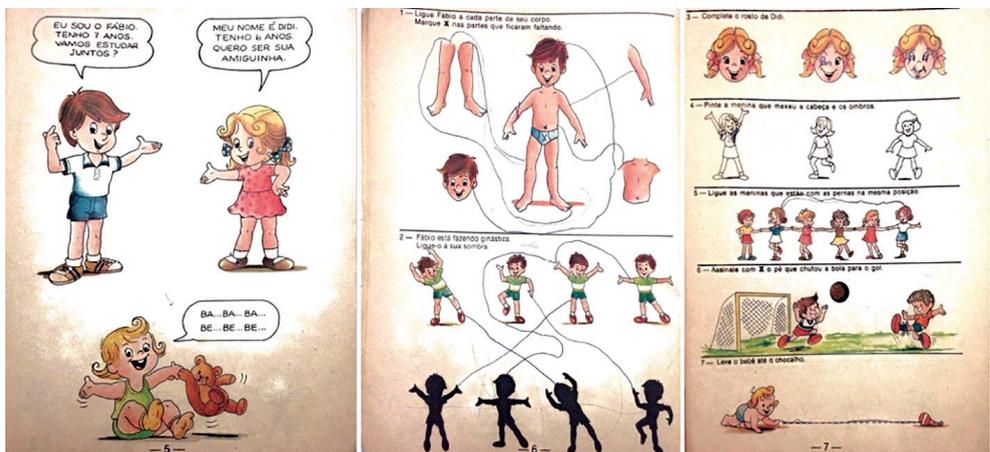
Quanto ao aspecto tipográfico, as mudanças ocorridas de uma edição para outra trouxeram uma melhoria em termos de leveza e legibilidade. Os dois tipos de letra utilizados na edição de 1981 são serifados (o título desenhado e o texto composto com Century Bold), enquanto os dois da edição de 1984 são sem serifa (o título desenhado à mão e o texto composto com Helvetica). A fonte Helvetica possui hastes ascendentes e descendentes mais curtas do que as da fonte Century, o que significa que, mesmo sendo compostas no mesmo tamanho, a Helvetica possui letras minúsculas maiores do que a Century. Dessa forma, o texto da edição de 1984 ficou mais confortável em termos de legibilidade.

Podemos observar também uma mudança significativa no estilo da ilustração: os tons mais escuros e sóbrios (preto e azul) do pássaro da edição de 1981 foram substituídos pelos tons mais claros e alegres (verde e amarelo) da edição de 1984. Essa mudança conferiu leveza ao layout da página e as cores verde e amarelo podem ser associadas às que predominam na bandeira do Brasil, o que pode fazer com que o leitor sinta que o pássaro pertence à fauna brasileira.

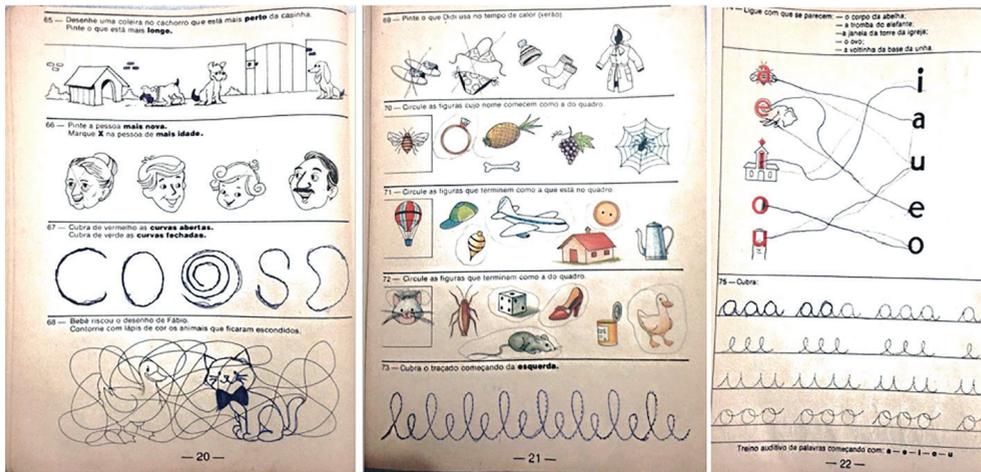
Acréscimo de páginas iniciais e de atividades preparatórias

Verifica-se o acréscimo de páginas (p. 5 a 22) destinadas ao período preparatório, que não fazia parte do livro anterior, acompanhando uma tendência de se construir um aparato motor (auditivo, visual e de coordenação viso-motora) junto à construção de conceitos como, por exemplo, muito, mais, baixo, direito, esquerdo. Neste período, acreditava-se que a alfabetização era um ato motor e a maioria das cartilhas do período, inclusive as que usamos para comparação do formato, trazia os exercícios preparatórios como forma de entrada no livro. Essa é, então, uma atualização voltada para ideias pedagógicas do período, mas, a partir dessa seção, esse acréscimo não compromete a sequência de atividades do projeto inicial do livro. Abaixo, exemplos nas páginas 5, 6, 7, 20, 21 e 22 da edição de 1984.

Caminho Suave. 1984, p. 5, 6, 7.



Caminho Suave. 1984, p. 20, 21, 22.

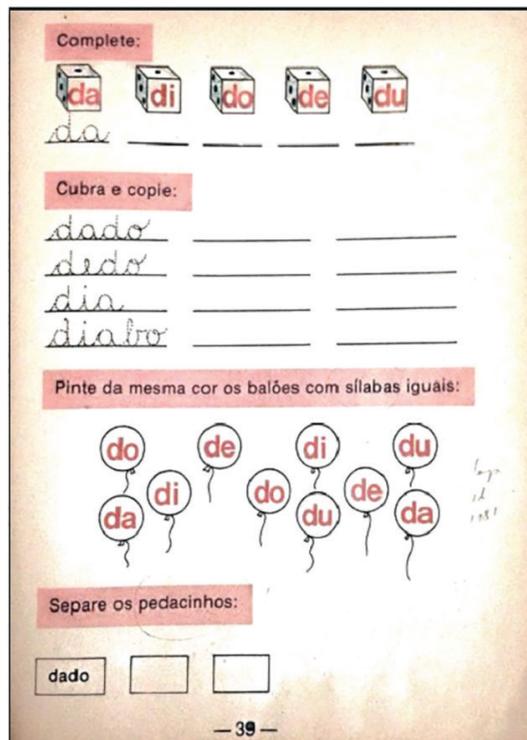
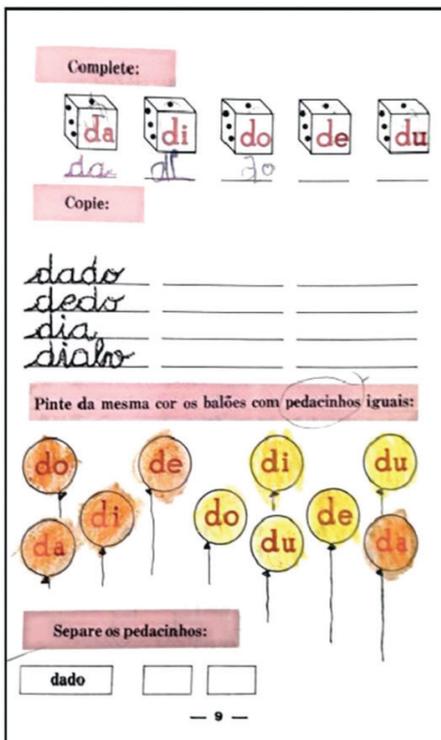


Alterações nos enunciados e em algumas nomenclaturas

Há pequenas alterações nos enunciados entre as duas edições. Um deles se relaciona ao uso de nomenclatura mais adequada ao que se encontra na gramática, ao invés de uso de termos infantilizados, como pedacinhos para designar sílabas. No entanto, embora se atualize, em parte, o enunciado, o termo “pedacinhos” aparece na sequência da mesma página modificada.

Caminho Suave. 1981, p. 9.

Caminho Suave. 1984, p. 39.



Termos gramaticais são apresentados na versão de 1984, ao invés de copie o modelo, tais como “Dê o diminutivo” no lugar de Continue completando de acordo com o modelo ou Dê o aumentativo (ed. 1984, p. 105) ao invés de Continuar completando (1981, p. 75), assim como “Passe para o plural”, ao invés de complete (p. 105).

O acréscimo de enunciados também se relaciona com a inserção de novos exercícios, como o de tipo “copie ligando”, na lição do Gato, na lição da Jarra, do Macaco, que mostram uma modalidade de exercício que se tornou muito comum nas cartilhas do período, conforme se pode observar no exemplar de *Eu gosto de Aprender*, nas páginas 15, 25, 28, 34, e na *Cartilha Alegria do Saber*, nas páginas 35, 43, entre várias outras.

Mudanças em direção à interpretação de texto

Embora já houvesse algumas atividades de interpretação dos textos na edição de 1981, a edição de 1984 insere alguns textos com sutil aumento de extensão para leitura com atividades para sua interpretação, bem como unidades maiores que as palavras para exercício de estrutura de orações. Esta alteração havia sido comentada por Mortatti (2000, p. 212), ao analisar exemplar da década de 1990, indicando que o livro acompanha mudanças conceituais no ato de ler, quando cita modificações acenadas pela própria autora, que afirmou naquela época que a leitura não seria apenas reconhecimento de símbolos, mas processo de interpretação. Isso pode ser verificado no exemplo abaixo:

Caminho Suave. 1984, p. 67.

Leia:

Coitado do Totó!
 Cecília foi cedo ao sítio.
 Lá ela viu o Cipó.
 Cipó deu coice no Totó.
 Cecília falou:
 — Uii Coitado do Totó!



Marque certo:

Cecília foi cedo ao cinema
 sítio

Complete:

..... deu coice no Totó.

Escreva palavras com:

— 67 —

Ressalta-se que havia exercícios de interpretação na edição de 1981, começando na lição do Asno, mas em número menor. As lições reproduzidas abaixo mostram a inserção de mais alguns exercícios desse tipo, mesmo considerando que estes são reduzidos a marcar palavras.

Caminho Suave. 1984, p. 73 e 74.

Lêa:

O burro Cipó
Zeca puxou o rabo do burro Cipó.
O burro derrubou o Zeca.
Ele caiu na terra e berrou:
— Socorro! Socorro!



Complete:

Zeca puxou o

O o Zeca.

Ele caiu na

Escreva o que Zeca berrou:



Separe as sílabas:

burro bu ro garrafa _____

ferro _____ corrida _____

terra _____ verruga _____

— 73 —



barata

Didi viu a barata.
Ela atirou o sapato na barata.
— Xô! xô! barata.
Xô! xô! barata.
A barata sumiu no buraco.

cara	arara	urubu
carea	arame	caruru
careca	arado	cururu
ferida	garoa	jururu
feriado	garapa	sururu

Marque certo:

Didi viu batata
 barata
 pirata

— 74 —

Também se nota uma pequena alteração nas exigências, como a que se vê nos enunciados como “Responda: Por que o asno abana o rabo?” (1984, p. 90) ou “Escreva três artes do Bebê” (ed. 1984, p. 114).

Tentativa de dar mais sentido à atividade de escrita de palavras

A edição de 1984 apresenta algumas alterações que parecem ser uma tentativa de dar algum sentido à cópia, evidenciada na proposta de “Copiar completando desenhos em frases”, ou acréscimo de alguma função para o ato de copiar, como nos exemplos “Copie” na edição de 1981, p. 49, e “Copie e estude para o ditado” ou “copie complementando” (frase com palavras e desenhos, da página 75, da edição de 1984), ao invés da atividade “Ponha os nomes” da edição de 1981. Há também algumas propostas de reordenamento de frases (p. 65, 77, 1984). A página a seguir é emblemática dessa mudança, ao apresentar um novo diagrama para formar palavras com r intermediário. No entanto, a materialidade da página, maior nessa edição, também permitiu acréscimos de exercícios.

Caminho Suave. 1984, p. 75

Copie completando:

 atirou o  na 

A  sumiu no 

Forme palavras:

va		da	pe		go
	ra			ri	
bu		co	fe		da

fa		fa	bi		ta
	ro			ru	
ga		to	u		bu

Coloque o ou a antes das palavras:

_____	vara	_____	buraco
_____	peru	_____	girafa
_____	muro	_____	garota

— 75 —

Mudança do texto principal da lição, supressões e alteração de termos e anunciados

Notam-se algumas mudanças em enunciados, tendo em vista sua clareza, uma maior precisão de termos ou menor infantilização, em vários casos, como o da p. 82, de 1981: “Bebê ganhou seis balões. Em cada um há uma coisa escrita” para “Bebê ganhou seis balões. Em cada um há uma sílaba escrita” (p. 112, 1981) e “Passe para o plural” (p. 113, 1984) ao invés de “Complete” (p. 83, 1981), entre outros exemplos. Além disso, o apelo para escrever ao invés de marcar mostra maior ênfase na escrita na edição de 1984 como se pode verificar na inserção de um comando “Responda” (p. 99, 1984), quando na versão de 1981 só havia exercício de interpretação com o comando de “marcar” a resposta.

As mudanças de conteúdo são mais sutis, havendo menos ocorrências desse tipo, mas estas são significativas para pensar o porquê da alteração. Abaixo um exemplo desse tipo, na lição Garrafa

Caminho Suave. 1981, p. 42



garrafa

Bebê agarrou a garrafa.
Fábio correu e pegou a garrafa.
Didi falou:
— Cuidado, Bebê, cuidado!

barra berra burro terra serra surra	carro corre correio carrega garrafa barraca	corrida barriga barrica arruma derruba serrote
--	--	---

— 42 —

Caminho Suave. 1984, p. 72



garrafa

Bebê agarrou a garrafa.
Fábio correu e pegou a garrafa.
Bebê berrou... berrou...

barra berra burro terra surra	carro corre correio carrega barraca	corrida barriga arruma derruba serrote
---	---	--

Marque certo:

Bebê agarrou a barraca
 a barrica
 a garrafa

— 72 —

Bebê agarrou a garrafa.
Fábio correu e pegou a garrafa.
Didi falou:
— Cuidado, bebê, cuidado!

Bebê agarrou a garrafa
Fábio correu e pegou a garrafa.
Bebê berrou... berrou....

Esta mudança não se explica pela clareza, tendo em vista que não se melhorou o significado da segunda, embora o tom de cuidado da primeira tenha sido transformado pelo “engraçado” da segunda. Talvez uma explicação plausível seja a redução de texto para acréscimo de um exercício de interpretação.

A alteração de lição deve ser vista também como um tipo de negociação com determinados elementos ideológicos. A lição abaixo, que altera a noção de anjo, mais religiosa, para a noção de anjo como um exemplo de bom comportamento, pode ser uma tentativa de tirar um viés religioso. Além disso, vê-se na imagem que a representação de anjo adulto passou a ser a de anjo criança.

Caminho Suave. 1981, p. 64.



anjo
an

Que bonito anjo!
É o anjo da guarda.
Ele vela por nós.
Oremos ao nosso anjo da guarda.

anjo angu enxada inveja onça onda	bando canto cinto dente pente gente	lenço longe quando quente quinze sentado
--	--	---

an en in on un
An En In On Un

an en in on un
An En In On Un

— 64 —

Que bonito anjo!
Ele é o anjo da guarda.
Ele vela por nós.
Oremos ao nosso anjo de guarda.

Caminho Suave. 1984, p. 94.



anjo
an

Titia pintou um anjo
parecido com o bebê.
E sorrindo disse a ele:
— Este anjinho é você.

anjo angu enxada inveja onça	lenço longe cinto quando quente	andando escutando abanando latindo contente
--	---	---

an en in on un
An En In On Un

an en in on un
An En In On Un

Responda:

Com quem se parece o anjo?

— 94 —

Titia pintou um anjo
parecido com o bebê.
E sorrindo disse a ele:
- Este anjinho é você

Uma suposta explicação para mudança no conteúdo de outras lições pode ser a necessidade de tornar o texto mais afeito a exercícios de interpretação ou mais próximos de uma cultura infantil do período, uma vez que não há tanta diferença na lista de palavras, como na mudança de lição “balão, balões” (p. 72, 1981) para “avião, aviões” (p. 102, 1984).

Outra hipótese que pode explicar mudanças de conteúdo se relaciona à precisão de termos ou a um tipo de mobilização que se quer das crianças. A mudança de texto de lição com sílabas como *bra*, *pra*, etc. (p. 78, 1981) e 108 (ed. 1984) e da ilustração, parece estar ligada à alteração de uma explicação pedagógica de letras que tremem em determinada posição gráfica para uma estratégia lúdica de ver onde a barata se escondeu:

Caminho Suave. 1981, p. 78.

O gato correu atrás do rato.
O rato escondeu-se no meio das
letrinhas.
Veja como elas tremem de medo!
Você também tem medo de rato?



bra pra gra tra
fra vra cpa dra

			
braço	cravo	dragão	frade
bra	cra	dra	fra
bre	cre	dre	fre
bri	cri	dri	fri
bro	cro	dru	fro
bru	cru		fru

			
gravata	prato	travesseiro	livro
gra	pra	tra	vra
gre	pre	tre	vre
gri	pri	tri	vri
gro	pro	tro	vro
gru	pru	tru	vru

— 78 —

Caminho Suave. 1984, p. 108.

— Barata rabi,
Que veio fazer aqui?
Puxa daqui!

— O jeito é fugir.
Vou me esconder aqui!
Vou me esconder ali!



bra pra gra tra
fra vra cpa dra

			
braço	cravo	dragão	frade
bra	cra	dra	fra
bre	cre	dre	fre
bri	cri	dri	fri
bro	cro	dru	fro
bru	cru		fru

			
gravata	prato	travesseiro	livro
gra	pra	tra	vra
gre	pre	tre	vre
gri	pri	tri	vri
gro	pro	tro	vro
gru	pru	tru	vru

— 108 —

Supressões

As supressões são de difícil explicação e de diferente natureza. A supressão de uma frase “É um tico-tico” na lição passarinho (1984, p. 76) pode estar relacionada à mudança na ilustração de uma edição para a outra. A supressão na frase final da lição Moça (p. 80, 1984) e da frase Que bela árvore (edição de 1981) da edição de 1984 (p. 92) pode ser decorrente de ganho de página para acréscimo de exercícios de interpretação.

Pequenas inserções, por outro lado, como aspas para apresentar o “Seu Chico” que usa chapéu na edição de 1984 (p. 82), pode ser uma atualização da prática que possivelmente passa a ser mais comum para velhos. Também alguns objetos como Zabumba são substituídos por Zazá. Na mesma direção, é notória a supressão da lição “Nhá Maria” usada para chamar atenção para a ocorrência da sílaba nha na edição de 1981. Na edição de 1984, tanto a palavra-chave como o conteúdo são substituídos pelo termo Galinha. Analisando a ilustração e o texto da lição excluída, parece ser este um vocabulário e também uma prática mais rural e arcaica, que precisa ser alterada em termos de representação para uma espécie de atualização:

Caminho Suave. 1981, p. 54.



Na edição de 1981 a lição com os casos da letra Z ocupava 6 páginas e havia textos de estímulo à observação como “Agora o caso é sério! Mas não desanime. Preste atenção e leia devagar. Isso, Você é o máximo” e passa a ter duas páginas com a nova diagramação na edição de 1984. Ao final do livro de 1984 acrescenta-se um silabário de 4 páginas em imprensa e tipo cursivo, como mais uma forma de recapitulação.

Comparação entre a edição de 1984 e a edição de 2015

Alterações em enunciados, formulações e diagramação

A edição de 2015 é a única de que dispomos editada depois dos processos de avaliação do PNLD, que certamente apontou problemas na correção dos enunciados. Há nela uma grande estabilidade de projeto pedagógico e gráfico, mesmo depois de avaliações negativas dos programas de governo. Nela verificamos a predominância de alterações em enunciados, que talvez tenham sido apontadas como erros de revisão na avaliação do PNLD de 2016 como, por exemplo, a que ocorre na mudança da pergunta “Que o rato roeu?” (p. 5, 1984) para “O que o rato roeu?” (p. 53, 2015.); “Em que dia vovô ficou doente” (p. 118, 1984) para “Em qual dia vovô ficou doente?” (p. 116, 2015), entre outros exemplos na lição e, na lição Foguete, é retirada uma crase incorreta (2015, p. 109).

São muito sutis as modificações, embora não menos expressivas, que revelam certa vigilância de vocabulário, como a supressão da palavra diabo e substituição pela palavra ditado na lição que focaliza a letra D.

Busca-se, na versão de 2015, uma maior precisão de termos, como nos enunciados que se alteram como “Ponha os nomes” (p. 47, 1984) para “Escreva os nomes” (p. 45, 1997); de “Marque as palavras e X” (p. 43, 1984) para “Marque com X as palavras” (p. 41, 2017); “Ligue” (p. 9, 1984) para “Ligue o nome ao desenho” (p. 57, 2017); de “Ligue certo” (p. 51, 1984) para “Ligue a frase que corresponde ao desenho” (p. 49, 2017); de “Quantas sílabas têm?” (p. 65, 1984) para “Escreva quantas sílabas tem” (p. 63, 2017); de “Ligue o certo” (p. 101, 1984) para “Ligue a frase ao desenho” (2017, p. 99); de “Aonde vai ela?” (p. 91, 1984) para “Aonde ela vai?” (p. 89, 2017) .

Estas informações são redundantes, mas ilustram uma determinada reação à avaliação. Se considerarmos o que se altera na proposta, vemos que foram mais apropriadas as supostas críticas à clareza dos enunciados, do que mudanças de fundo na proposta pedagógica. Atualizações do alfabeto geraram uma página com as letras K, W e Y (p. 118).

São realizadas algumas mudanças na diagramação, quando, ao invés de uma posição lateral das linhas para copiar, as linhas vêm abaixo das palavras (ver p. 43-1984 e p. 41 de 2017), alguns quadros de palavras são redistribuídos (102, 1984 e 100, 2017). Nesta última edição do *corpus*, também se usa mais negrito para destacar palavras, como nas páginas 97, 101, 109, entre outras, e há alterações de uma tipografia que lembra letra de imprensa para um modo tipográfico que evoca cursiva, em várias partes que demandam completar frases (p. 49/1984 para p. 47/2015; p. 53/1984 para a p. 51/2015; p. 57/1984 para 55 e 63/2015).

Erros conceituais

Um dos aspectos que sustentava a exclusão de obras na avaliação do PNLD-1996 era a presença de erros conceituais. Os exemplos abaixo, embora em menor número que as outras ocorrências, são os mais sérios e podem realmente ter sido um dos fatores que determinou a exclusão da obra. Eles se referem à confusão entre sílabas e sua posição contextual nas palavras. A edição de 2015 os corrige.

As páginas emblemáticas da correção gramatical e, portanto, conceitual, são a p. 97, de 1984, e p. 104 de 2015. A página da esquerda constrói uma representação gráfica de sílabas isoladas de sua vizinhança, sem considerar que elas alteram seu som quando posicionadas na palavra, causando um tipo de equívoco conceitual. O recurso na edição de 1984 é apagá-las, fazendo a lista destoar do restante da página. Ocorre a mesma retirada na página 107 que continua a recapitulação de todas as sílabas estudadas:

Caminho Suave. 1984, p. 106.

				
garrafa	barata	passarinho	casa	moça
	ra		sa	ça
	re		se	
	ri		si	
	ro		so	ço
	ru		su	çu

				
chapéu	galinha	telha	quatro	queijo
cha	nha	lha	qua	
che	nhe	lhe		que
chi	nhi	lhi		qui
cho	nho	lho	quo	
chu	nhu	hu		

					
asno	árvore	anjo	ambulância	alfinete	homem
as	ar	an	am	al	ha
es	er	en	em	el	he
is	ir	in	im	il	hi
os	or	on	om	ol	ho
us	ur	un	um	ul	hu

— 106 —

Caminho Suave. 1984, p. 104.

			
garrafa	barata	passarinho	casa

					
moça	chapéu	galinha	telha	quatro	queijo
ça	cha	nha	lha	qua	
	che	nhe	lhe		que
ço	chi	nhi	lhi		qui
çu	cho	nho	lho	quo	
	chu	nhu	lhu		

					
asno	árvore	anjo	ambulância	alfinete	homem
as	ar	an	am	al	ha
es	er	en	em	el	he
is	ir	in	im	il	hi
os	or	on	om	ol	ho
us	ur	un	um	ul	hu

— 104 —

Deslocamentos para outros circuitos e sujeitos: a aposta de continuidade da circulação

A edição de 2015 e os anúncios para sua oferta indicam/produzem deslocamentos para escola privada e, para além da escola, a possibilidade de um uso familiar. Eles também promovem um deslocamento em relação aos destinatários, crianças da educação infantil ou jovens e adultos. Há também a estratégia de deslocar de livro como material principal para material complementar que também serviria como reforço de aprendizagens, numa forma de negociação com o que a escola pode fazer por fora dos programas do livro ou em rede privada que, possivelmente, não se vale dos mesmos pressupostos pedagógicos das avaliações oficiais do livro no Brasil. Em último caso, pode-se apelar para o lado afetivo, com a lembrança de um tempo que precisa voltar. Abaixo, a reprodução de alguns anúncios que se valem dessas estratégias:

Em sua surpreendente 132ª edição, esta cartilha apresenta o consagrado método de alfabetização brilhantemente desenvolvido por sua autora, Branca Alves de Lima, amplamente adotado por professores das redes pública e privada. Reformulada com o Novo Acordo Ortográfico, a famosa cartilha já alfabetizou mais de 40 milhões de brasileiros. Seu grande sucesso deve-se ao método tradicional mas eficaz, fácil e verdadeiramente testado e aprovado, que associa imagens a letras. É ideal para alfabetização de crianças, jovens e adultos – tanto como

método principal, quanto como material de apoio a outros métodos. Ricamente ilustrada, a Cartilha *Caminho Suave* foi idealizada e criada pela educadora Branca Alves de Lima em 1948, com o intuito de suavizar e facilitar o caminho de crianças e adultos no mundo das letras, como seu nome sugere. Desde sua primeira edição, foi um grande sucesso sempre objetivando uma alfabetização completa. Foi observando a dificuldade de seus alunos, a maioria oriundos da zona rural, que a educadora Branca Alves de Lima criou o método que ela própria denominou “alfabetização pela imagem”. A letra “a” está inserida no corpo de uma abelha, a letra “b”, na barriga de um bebê, o “f” fica instalado no corpo de uma faca, a letra “o”, dentro de um ovo e assim por diante. Especialistas em pedagogia afirmam que “Caminho Suave” é o único método atual e realmente brasileiro de alfabetização em português. O método da cartilha *Caminho Suave* começa pelas vogais, forma encontros vocálicos e depois parte para a silabação. O método une o processo analítico ao sintético, facilitando o aprendizado. (Disponível em: <http://livraria.folha.com.br/livros/livrinhos-infantis/cartilha-caminho-suave-branca-alves-lima-1311174.html>. Acesso em: 21 set. 2017.)

Enquanto parece não existir imortalidade de algumas ideias pedagógicas que vão e vem, conforme o tempo histórico, parece haver uma tentativa de imortalizar esse livro didático na lembrança e, por conseguinte, no uso:

Utiliza o imortal e eficiente método já consagrado da Caminho Suave. Você se lembra da Cartilha Caminho Suave? Se você não foi alfabetizado por ela, pergunte na sua roda de amigos que certamente muitos deles se lembrarão. (...) Desde sua primeira edição, foi um grande sucesso devido à eficácia de seu método, que associa imagens e letras. Ao longo desses muitos anos, a Cartilha conquistou o coração de alunos e professores por tratar da alfabetização de uma maneira simples e inteligente. (Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/animativros/branca-alves-de-lima-caminho-suave-3-serie-1-grau-475854310>. Acesso em: 21 set. 2017.)

A permanência de materiais que a teoria pedagógica secundarizou também pode ser uma estratégia de manter a tradição e, para os que se ressentem de sua falta, é colocada de novo a oferta de teste de alfabetização/baralhinho didático, de cadernos de caligrafia, além da continuidade de produção da série graduada. Nesse caso, os cartazes, que serviam mais a um uso coletivo de sala de aula, não são mais editados, mostrando uma aposta no uso individual. As chamadas ferramentas parecem ter sido introduzidas na década de 1980, não sendo portanto uma estratégia muito recente.

A cartilha que alfabetizou 40 milhões de brasileiros, em 50 anos, ganhou ferramentas de apoio desenvolvidas pela educadora Branca

Alves de Lima. Eram cartazes, cartazetes, carimbos, baralhos e livros de exercício (na década de 1980). (Disponível em: <http://www.radiolucweb.com.br/2016/08/caminho-suave-para-matar-saudade.html>. Acesso em: 21 set. 2017.)

A ideia da lembrança aparece em outras matérias de internet que retomam sua história não para venda, mas para deleite de seus antigos leitores, como a que pode ser consultada na matéria intitulada “Caminho Suave, pra matar saudade” (disponível em: <http://www.radiolucweb.com.br/2016/08/caminho-suave-para-matar-saudade.html>. Acesso em: 21 set. 2017.)

Considerações finais

As mudanças produzidas entre algumas edições podem ter tido origem e natureza diferenciada. A que se produziu na edição de 1981 pode ter sido mais voluntária, seguindo um movimento dos livros em geral, como a introdução de exercícios de compreensão, de algumas questões mais lúdicas e atualizações de temas e substituição de palavras-chave. A mais recente certamente veio de imperativos de erros conceituais, possivelmente identificados na avaliação do PNLD/1996. A partir dessa exclusão, a obra se inclui em outros circuitos e mercados, fabricando sua permanência.

A Cartilha *Caminho Suave* fez história e é preciso explicar sua permanência no mercado, mesmo quando sua proposta pedagógica parece ter envelhecido. Se há oferta, é porque há usuários, pois como se sustentaria uma editora que só publica esta coleção? Resta saber como esse uso contínuo vem se manifestando contra tantas tendências pedagógicas que o contradizem.

Em várias situações, ao falar da história da alfabetização para determinada geração, constatamos a tristeza dos leitores que foram formados com esse material, tendo em vista o seu suposto desaparecimento. Se considerarmos os progressos em torno das metodologias e a obsolescência de um livro que representa determinada metodologia, isso não significa que houve rompimento com alguns leitores e usos. O interessante é que, por mais que discutamos a falta de sentido daqueles textos, quando provocamos a memória, os leitores citam, saudosos, os tempos em que estudaram nesse livro, que atravessou gerações, desde o final da década de 1940.

Assim, podemos dizer que memória afetiva do objeto livro não se apaga com o desaparecimento de um método e que um livro, em sua materialidade e representação cultural de um período, pode representar muito mais do que uma pedagogia do ensino. Um livro, então, é mais que um método, considerado, por nós, sem sentido. Talvez seja a história da educação que nos revele alguns significados das práticas de apropriação dos livros, dos métodos, que extrapolam ou não são explicadas pelas teorias consideradas legítimas no campo da

alfabetização contemporânea. Isso nos faz reforçar o lugar da memória para a compreensão de aspectos do passado que ajudam a compreender a trajetória da leitura e escrita. Isso só a História e a história dos livros podem oferecer.

Referências

- CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. M. Galhardo. Lisboa: Rio de Janeiro; Difel: Bertrand Brasil, 1990. p. 121-139.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- DARNTON, R.. História da leitura. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP: 1992. p. 199-236.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros. Passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- HÉBRARD, Jean. (2002). Os livros escolares da Bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade? *Revista Brasileira de História da Educação*. N. 4, jul/dez., p. 10-45.
- HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MCKENZIE, Donald F. *La bibliographie et la sociologie des textes*. Paris: Éditions du Cercle de Librairie, 1991.
- MORTATTI, Maria do Rosário L. *Os sentidos da alfabetização. São Paulo – 1876/1994*. São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2000.
- NASCIMENTO, Luiz. *O design dos livros de leitura da editora Francisco Alves (1900-1938): Felisberto de Carvalho e seus contemporâneos*. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. 2017. Tese (doutorado).
- PERES, Eliane T; VHAL, Mônica Maciel; THIES, Vânia Grim. Aspectos editoriais da cartilha *Caminho Suave* e a participação da Editora Caminho Suave Limitada em programas federais do livro didático. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 16, p. 335-372, 2016.
- PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedade*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- RAMIL, Chris de Azevedo. *A coleção didática Tapete verde: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 – Rio Grande do Sul)*. Universidade Federal de Pelotas. 2013. Dissertação (mestrado).
- RICHAUDEAU, François. *Conception et production des manuels scolaires: guide pratique*. Paris: Unesco, 1979.
- RICHAUDEAU, François. *La lisibilité*. Paris: Retz, 1984.
- RICHAUDEAU, François. *Manuel de typographie et de mise en page: du papier au l'écran*. Paris: Retz, 2005.

Sites consultados

<http://www.radiolucweb.com.br/2016/08/caminho-suave-para-matar-saudade.html>. Acesso em: 21 set. 2017.

<http://www.radiolucweb.com.br/2016/08/caminho-suave-para-matar-saudade.html>. Acesso em: 21 set. 2017.

<http://livraria.folha.com.br/livros/livrinhos-infantis/cartilha-caminho-suave-branca-alves-lima-1311174.html>. Acesso em: 21 set. 2017.

<https://www.estantevirtual.com.br/animalivros/branca-alves-de-lima-caminho-suave-3-serie-1-grau-475854310>. Acesso em: 21 set. 2017.

Fontes

AZEVEDO, Dirce Guedes de. *Festa das letras*. São Paulo: FTD, 1985.

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. Alfabetização pela imagem. 84. ed. São Paulo: Caminho Suave, 1982.

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1981.

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave* Alfabetização pela imagem (renovada e ampliada). 94. ed. São Paulo: Caminho Suave, 1984.

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. Alfabetização pela imagem (renovada, ampliada e atualizada). 132. ed. São Paulo: Caminho Suave Edições, 2015. [Reimpressão em 2017.]

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. Testes de Alfabetização pela imagem. Baralhinho didático da cartilha Caminho Suave. São Paulo: Caminho Suave Edições, s/d.

PASSOS, Lucina Maria Marinho. *Alegria de Saber – Cartilha*. São Paulo: Scipione, 1987.

SANTOS, Maria da Glória Mariano. *Eu gosto de aprender*. São Paulo: Editora do Brasil S/A, s/d.